

O PRECONCEITO E O ESTEREÓTIPO: TEMAS ESSENCIAIS NO ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

Ana Elizabeth Dreon de Albuquerque (UERJ)
bdreonerj@yahoo.com.br

Quando cursava Letras, decidi escolher uma disciplina eletiva sobre teatro grego. Há muito lia peças de teatro e aquela seria uma oportunidade de mergulhar nos textos mais profundamente. Lembro-me que me revoltava ver a atitude passiva de certos personagens femininos, entretanto a professora chamava-me a atenção para o fato de que era preciso ler o texto com os olhos de antigamente, postados na cultura grega, e não com os meus olhos brasileiros de século XX; e que eu deveria procurar entender que a história se passara em outro tempo, em outra cultura; e que, portanto, eu não podia “ler o outro” com o “meu olhar”.

Essa tentativa de respeito ao outro não é uma tarefa fácil e não só foi um desafio para aquela tarefa de então como também tem sido para aqueles que trabalham com língua estrangeira. Não é à-toa que, ao perceberem a interferência de questões culturais tanto no turismo quanto nos negócios, alguns cursos direcionados para esse público exclusivo começaram a se preocupar em abordar a questão cultural a fim de diminuir os mal-entendidos provocados por comportamentos diferentes.

Essa mesma preocupação é visível em alguns sites, como SOLUTIONS ABROAD, que alerta sobre o comportamento do povo mexicano e que pode causar algum tipo de estranhamento ao turista, como podemos observar no fragmento a seguir:

México opera bajo un esquema que tiene una dimensión del tiempo completamente diferente a la que están acostumbrados la mayoría de los extranjeros. Aunque no deja de apreciarse la puntualidad, ciertamente no es algo que se exija en la gente, excepto

O ENSINO DE LÍNGUAS

quizás en algunos círculos de negocios (aunque de forma inconstante). La práctica común es llegar una o dos horas más tarde a cualquier reunión, o incluso no llegar.

(www.solutionsabroad.com/espanol/a-choquecultural.asp)

Se a fala e os costumes podem contribuir para uma comunicação conflituosa, os gestos, por não serem universais, também podem provocar mal-entendidos.

Um mesmo gesto pode conter diferentes significados em diferentes países.

Lo que se considera como educado y correcto varía de un país a otro. En general, el apretón de manos está ya reconocido en todo el mundo como una señal de amistad. Si te ofrecen una mano, no la rechaces, por muy sucia que esté, ya te lavarás luego. Sin embargo, hay otros gestos que hay que evitar. Fíjate en lo que hacen los nativos, como suelen comportarse, sus costumbres, aunque muchas veces no podrás evitar meter la pata.

(<http://www.amadeus.net/home/destinations/es/index.htm>.)

Algumas vezes, o mesmo gesto pode ter significados não apenas diferentes, mas agressivos. Por exemplo, um gesto bastante conhecido como o de “juntar o polegar e o indicador, fazendo um círculo”, pode ter vários significados em diferentes países:

- França: “você não vale nada”.
- EUA: OK.
- Japão: dinheiro.
- Tunísia: ameaça de morte.
- Alemanha: chamar alguém de imbecil.
- Brasil: gesto obsceno.

As diferenças culturais podem ser muito acentuadas mesmo quando se pensa num único país, como é o caso da Espanha. E tanto isso é verdade que, para haver um maior envolvimento por parte do público quanto ao uso da camisinha, fo-

ram elaborados 4 cartazes semelhantes, mas cada um deles escrito numa das línguas oficiais (castelhano, catalão, vasco e galego), apesar de todos os espanhóis falarem o castelhano.

Há também gêneros textuais que habitualmente estão repletos de estereótipos e preconceitos, como as piadas. Mas como não rir do politicamente incorreto? Ou até onde pode ir o humor sem que se cometam indelicadezas? O interessante está em ver que aquele que foi objeto da piada pode inverter os papéis, como é o caso a seguir.

Luis Landriscina, comediante argentino, retornou ao seu país após uma ida à Espanha, e aproveitou para contar a piada (De España con humor) para os seus conterrâneos: uma piada contada por espanhóis sobre os argentinos.

Y para que sepan en España ya empezaron a devolvernos la atención.

Estuve para mayo del año pasado y me contaron esto que evidentemente... En la historia meten un porteño, por el manejo de lunfardo que hace el personaje del cuento.

Se va un tipo argentino a lo que nosotros llamamos un quiosco (allá tiene otro nombre: tabaquería), en Madrid. Entonces dice:

- Loco, un paquete pacho.
- Hombre, mira... - dice - Disculpe, usted, pero no le entiendo
- Pucho, loco, pucho, paquete pucho (peor todavía)
- Dice: Disculpe, mas usted no habla castellano
- ¿Y que estoy hablando? Estoy pidiendo un cigarrillo pa fumar.
- Ah - dice - por el gesto que usted me hace, y le veo, deduzco que lo que usted quiere son pitillos.
- Uy, Dios. Así que "pitillos" Jaja. ¿Que creen todavía? Pitillos. Jaja Me da una caja de fósforo.
- Dice: Disculpe, usted, pero no le entendí.
- Fósforo, pa prender lo pitillo de ustedes, loco.

O ENSINO DE LÍNGUAS

– Dice: - nuevamente por el gesto, deduzco que lo que usted quiere es “lumbre” y es para llevar lo que quiere es una “caja de cerillas”

– Así que se dice “pitillo”, “cerilla”. Está bien. ¿Qué quiere? Tengo que aprender todo de nuevo. Che, gallego, ¿a los tarados acá como los llaman?.

– Hombre, se no los llamamos. Vienen solos por Aerolíneas Argentinas.

Trabalhar com os alunos diferenças culturais, diferenças linguísticas, que também existem entre nós brasileiros, seja pela região em que vivemos, pela faixa etária, pelo gênero, pelo estrato social, pela formação escolar, talvez seja um exercício inicial para atingirmos o respeito ao diferente.

Ver-nos como os outros nos veem, diferentemente da forma como nós nos vemos, é perceber que o estranhamento é uma via de mão-dupla, e que não há melhores nem piores.

Em 1993, a escritora americana Priscilla Ann Goslin, escreveu de forma bem humorada um “Guia alternativo para o Turista no Rio”: *Rau tchu bi a CARIOCA*. Ali se encontravam idiossincrasias que só um nativo entende e que os que aqui chegam para morar levam um tempo para compreender o real sentido de determinadas expressões, como “A gente se vê” ou “Aparece lá em casa”, após uma despedida, sem que o carioca se preocupe em fornecer o endereço ou em dar o telefone.

A questão que se coloca é que ensinar língua estrangeira é ter diante de si sempre o outro, o estranho, o diferente, com quem buscamos interagir, a partir da busca por entendê-lo através de sua história, de suas crenças, de sua ideologia, de sua cultura. A ideia de que todos somos iguais ou que podemos olhar o outro a partir do que percebemos é equivocada.

Num cómic¹¹, Quino discute a ideia de que a globalização serviria para mostrar que não há diferenças entre os povos. Para isso contrapõe a fala alegre do personagem central (*¿Qué nos demuestra todo esto? Que ellos, aparentemente tan distintos, ¡son como nosotros!*) à sua posterior reflexão (*¡Se dice fácil “son como nosotros”! ¿cuánto tiempo nos llevará empezar a decirnos “somos como ellos”?*).

No ano de 2006, após a crise entre a Dinamarca e os muçulmanos, gerada pela publicação de charges de Maomé num jornal dinamarquês, o jornalista peruano Guillermo Giacosa escreveu um artigo em que questionava a posição do jornal europeu por se negar a pedir desculpas pelo ocorrido. A fim de mostrar o seu espanto diante de tal negativa, Giacosa dizia: “Me asombró la conducta etnocéntrica de algunos periodistas europeos que no parecen comprender que el otro es precisamente eso, otro, y que por serlo tiene derecho a sus propios razonamientos y a sus propias reacciones”. E completava:

Deberemos admitir que somos diferentes, pues provenimos de culturas y experiencias históricas diferentes y, además, debemos estar convencidos de que la diferencia no es una barrera sino una oportunidad de crecer haciendo prevalecer la tolerancia y la reflexión por sobre los prejuicios y los estereótipos.
(<http://www.peru21.com/Comunidad/Columnistas/Html/2006-02-10/Giacosa0453756.html>)

Reação semelhante de incompreensão sobre o que é ser o outro tiveram alguns alunos quando se depararam com um texto de uma prova da UFRJ de 1991¹², cujo tema era o uso e a função de máscaras e seus significados para os povos indíge-

¹¹ Este cómic pode ser visualizado no site da UFF, prova de vestibular objetiva de 2000.

¹² Esse texto foi apresentado durante alguns anos a várias turmas e a reação era a sempre a mesma.

O ENSINO DE LÍNGUAS

nas da Nicarágua, antes da chegada dos espanhóis, durante o período de dominação e a sua função nos dias atuais.

Nesse texto, Guillermo Fernández Ampié contava sobre o primeiro confronto havido entre os espanhóis e os povos indígenas da Nicarágua:

Afirma una leyenda que los Maribios, durante la conquista, ocultos sus rostros con esas máscaras y con pieles humanas superpuestas, pretendiendo con ello asustarlos, enfrentaron decididamente los españoles. Ante los cañones, sables y mosquetes, los indígenas caían muertos como moscas, sin que sus divinidades pudieran defenderlos.

Após a leitura desse fragmento, havia sempre um riso generalizado porque os alunos viam os Maribios como tolos por acreditarem que simples máscaras os protegeriam de canhões, sabres e mosquetes. Fazê-los refletir sobre o que estava por detrás desse pensamento preconceituoso era crucial. Para isso, se fazia necessário que eles percebessem que a crença religiosa dos Maribios era tão fundamentada quanto qualquer outra. Ao mesmo tempo, dizer-lhes que religiões europeias, como a dos gregos e romanos, que duraram milênios, acabaram como fumaça, era colocar-lhes frente a acontecimentos históricos que mexiam com as suas próprias crenças religiosas, produtos que são da fé que o homem tem no divino.

Para Frei Betto, alteridade é

Ser capaz de apreender o outro na plenitude da sua dignidade, dos seus direitos e, sobretudo, da sua diferença. Quanto menos alteridade existe nas relações pessoais e sociais, mais conflitos ocorrem. A nossa tendência é colonizar o outro, ou partir do princípio de que eu sei e ensino para ele. Ele não sabe. Eu sei melhor e sei mais do que ele.

(<http://www.adital.com.br/site/noticia.asp?lang=PT&cod=7063>)

Mas como lidar com o diferente quando crenças, religiões ou não, estão de mão dadas com a falta de informação?

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Num texto sobre Botsuana e o problema da AIDS que está exterminando a população jovem desse país emergente, nos deparamos com uma crença em que a cura para a doença estaria em ter relações sexuais, permitidas ou não, com mulheres virgens. Com o devido cuidado para não desmerecer o outro, é importante discutir com os alunos o quão nocivas são certas crenças que também podemos encontrar em nosso país travestidas de certezas.

Se a crença religiosa é um ponto a ser discutido, o que dizer dos conflitos causados pela imigração. No site do youtube é possível ver o vídeo “stop inmigration”, em que árabes e negros são vistos como uma praga na Espanha, uma turba de violentos. Ao final do vídeo há uma foto de uma menina loira com os seguintes dizeres: “*Cuando ella se jubile, los europeos blancos seremos minoria*” “*Europa, despierta*”.

A princípio se poderia pensar num movimento isolado, fascista, preconceituoso, mas alguns fatos nos têm mostrado que não se pode ficar cego diante de atitudes que revelam uma tentativa de imputar a culpa em alguém pelos problemas sociais e econômicos que se vive.

Após a queda do muro de Berlim, em 1989, houve uma euforia inicial de ambos os lados do muro. Parecia que uma etapa se encerrava, que famílias separadas voltariam a se encontrar. Passados, porém, alguns anos, o quadro mudou: os menos afortunados foram vistos como competidores ao buscarem oportunidades idênticas aos que demonstravam ter prosperidade.

Em agosto de 2000, uma correspondente espanhola do jornal El País, Pilar Bonet, descrevia uma série de atentados contra negros e chineses em Berlim, fossem eles cidadãos alemães ou não, ocasionados pela crise econômica que se instalou no país:

O ENSINO DE LÍNGUAS

Mohamed llegó de Togo en 1992 y está casado con una alemana blanca, con la que tiene una hija (...) [y] compite con sus vecinos por una colocación o un subsidio social en Sajonia-Anhalt, la región que, con un 20% de paro, tiene el índice de desempleo más alto del Este (17%) y del Oeste (7,5%) de Alemania.

Em seu texto, Bonet também nos fazia recordar que “El racismo, la xenofobia y la violencia contra los débiles, cualquiera que sea el color de su piel, no son fenómenos nuevos ni tampoco exclusivos de Alemania”. E chamava a atenção para um fato novo:

Una novedad de este verano es el enfoque económico que ha desbancado la argumentación moral en la lucha contra la extrema derecha. Matar a patadas a un vagabundo, como el que fue pisoteado en julio en la isla de Usedom (Mecklenburg-Pomerania Occidental) es “políticamente incorrecto”, no sólo porque se trate de un prójimo indefenso, sino porque asusta a los inversores y a los especialistas en informática que Alemania necesita para reactivar el Este.

En nombre de “la *imagen de Alemania* en el extranjero”, los políticos, los dirigentes de las asociaciones empresariales, los banqueros y sindicalistas condenan el racismo. También los esclavos del nazismo han sido indemnizados en nombre de la *imagen de Alemania*.

Trabalhar textos como esses em sala de aula nos permite discutir a nossa própria realidade, quando nos faz lembrar de acontecimentos recentes e passados de espancamento e tortura até a morte (vide notícias sobre mendigos, empregada espancada, chefe indígena Galdino, entre tantos outros); atos esses cometidos por adolescentes abonados que se veem no direito de decidir pela vida ou morte dos mais indefesos ou excluídos.

A imigração, em 2004, recebe um tratamento especial de José Luis García Sánchez em seu curta “Español para extranjeros”, que fez parte da campanha “Hay motivo”¹³. Nesse

¹³ O vídeo está disponível no site www.haymotivo.com ou no site <http://www.aulaintercultural.org/article.php3?id=article=1137>

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

vídeo, García Sánchez coloca como pano de fundo um áudio com frases aprendidas em cursos de espanhol para estrangeiros (frases de conteúdo voltadas para o turista) enquanto mostra imagens de imigrantes clandestinos que chegam em barcos (pateras), vivos ou não.

Sabemos que as diferenças existem e torna-se necessário sensibilizar nossos alunos a fim de fazê-los refletir sobre o quanto e como a sociedade discrimina e qual é o nosso papel como cidadãos frente a esse tipo de agressão social.

A professora e socióloga norte-americana Jane Elliot, após o assassinato de Martin Luther King em 1968, propôs um exercício a seus alunos do ensino fundamental, a fim de conscientizá-los do drama vivido por quem sofre cotidianamente a discriminação. Para tanto dividiu a turma no que chamou de Olhos Azuis e Olhos Marrons. Num dia, foram os Olhos marrons os discriminados; no outro, foram os Olhos Azuis. Os discriminados eram facilmente identificados por um lenço amarrado no pescoço. Esse exercício virou o documentário "The Eye of the Storm", pelo qual a professora ganhou um Emmy. Posteriormente, já aposentada, Jane Elliot realizou workshops com adultos e de um deles saiu o documentário "Olhos Azuis" (Blue eyed)¹⁴, transmitido pelo canal GNT – Brasil.

Segundo Jane Elliot, um dia, uma senhora judia lhe procurou para lhe dizer que a odiava por lhe fazer lembrar o que passara na sala de aula no regime nazista, mas que ficava feliz porque acreditava que os seus alunos, ao passarem por tal experiência, não permitiriam, quando adultos, que preconceitos, como o que sofrera, viesse a acontecer novamente. A fim de explicar o porquê de seu trabalho em sala de aula, dizia Elliot:

¹⁴ É possível visualizar o documentário no site:
<http://www.uykucu.org/searchpage/azuis/1.aspx>

O ENSINO DE LÍNGUAS

Criamos um clima neste país [EUA] para 11% ou 12% da população semelhante ao sofrido pelos judeus na Alemanha nazista. Pessoas brancas me dizem: “Não concordo com isso”. É claro que não, elas não vivem assim. Não vivemos a mesma realidade neste país.

Em 1993, o Ministério Español de Asuntos Sociales ordenou uma campanha com o mesmo espírito de conscientização denominada *Democracia es igualdad*, que incluía um vídeo, um tríptico e um manifesto. O vídeo da campanha era assim descrito:

El spot (de 39 segundos) genera una fuerte disonancia, estimulando con ello el conflicto y la discusión. En el spot se ve a personas de reconocido prestigio (Martin Luther King, Einstein, Hawking, Valdano, Carmen Amaya, Oscar Wilde), que pertenecen a los grupos que sufren discriminación, al mismo tiempo que se escuchan los insultos o calificaciones despectivas que suelen reflejar el rechazo a dichos grupos. El hecho de oír estos insultos como si fueran dirigidos a personas con las que el observador se identifica tiende a producir un sufrimiento empático con dichas víctimas y, de esta forma, con los grupos que habitualmente los reciben.

Ainda que eu não tenha tido acesso a tal vídeo, é possível encontrar, na Internet, ou no livro didático “Planeta”, o tríptico apresentado na campanha. Nele se viam fotos de Martin Luther King (Nobel da Paz), Carmen Amaya (bailarina flamenca), Stephen Hawking (físico e matemático), Oscar Wilde (escritor inglês), Jorge Valdano (jogador argentino de futebol), Naguib Mahfouz (Nobel de Literatura) e Albert Einstein (Nobel de Física). Para cada um, além da foto, do nome e de sua profissão ou qualificação, havia algum tipo de insulto preconceituoso, fosse por questão racial, religiosa, sexual ou étnica:

“¡BASURA NEGRA!”	“¡MORACO ASQUERO- SÍ!”	“¡INÚTIL!”	“¡MARICÓN!”
Martin Luther King Nobel de La	Naguib Mah- fouz Nobel de Lite-	Stephen W. Hawking Físico y Mate-	Oscar Wilde Escritor

Paz ratura mático

E terminava o texto com a seguinte frase: “¿Acaso te crees mejor que estas personas? Por todas y todos, un respeto”.

Se campanhas como essas buscam trazer a reflexão sobre os malefícios que podem provocar os diferentes tipos de preconceitos, a indiferença parece ser a tônica no comportamento da maioria das pessoas.

Naquele mesmo texto que vimos sobre Botsuana (Botsuana, un país que se muere de SIDA), a autora do texto, espanhola, questionava:

¿Qué haríamos en España si de repente supiéramos que 35 de cada 100 mujeres embarazadas tienen sida? ¿Qué haríamos si descubriéramos que más del 40% de los jóvenes de entre 20 y 34 años están infectados y condenados a muerte?

Tal questionamento era causado pela perplexidade da autora, já que não causava espanto nas sociedades ditas civilizadas a notícia de que um povo poderia ser exterminado na sua base (já que os jovens estavam morrendo e os filhos gerados nasciam com AIDS). Ao longo da leitura se percebe que, para a autora, provavelmente a atitude seria vista como catastrófica se tal ocorresse num país considerado “importante” para a economia mundial.

Em 2001, quando as torres gêmeas foram atingidas por aviões, o número de mortos chegou a 3500. Segundo dados da FAO, no mesmo dia mais de 35 mil crianças morreram de fome no mundo, mas o tratamento dado a cada caso foi destoante.

Também não somos muito diferentes: basta ler a notícia que trazem os jornais sobre a situação da saúde e da educação no estado do Rio de Janeiro e o pouco impacto que isso tem na população, seja ela de classe média ou alta.

Se não podemos modificar a sociedade, podemos pelo menos fazer com que nossos alunos reflitam sobre a história recente e passada, sobre a realidade que vivemos. Que possa-

O ENSINO DE LÍNGUAS

mos através do olhar sobre o outro como sujeito, reconhecermos e respeitarmos nossas diferenças e diminuir, pelo menos em nós e em nossos alunos, o “apartheid” existente não só entre o primeiro e o terceiro mundo, mas entre os diferentes mundos que existem em nosso país.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BONET, Pilar. *Vete a tu país, negro*. Espana: El País, 13/08/2000.

DESTINOS. *Gentes y costumbres*. Disponível em <http://www.amadeus.net/home/destinations/es/index.htm>. Acesso em 20/09/2007.

ELLIOT, Jane; VERHAAG, Bertram. *Olhos azuis*. EUA: [s.n.e.], 1996. Disponível em <http://www.uykucu.org/searchpage/azuis/1.aspx> Acesso em 20/09/2007.

ESPAÑA. Ministerio de Educación y Ciencias. Recursos didácticos. *Democracia es igualdad*. Disponível em: <http://w3.cnice.mec.es/recursos2/convivencia-escolar/4-4.htm#> Acesso em 10/09/2006.

FERNÁNDEZ AMPIÉ, Guillermo *Los rostros de la tradición*. Barricada Internacional, p. 29/30, 20 de octubre de 1990, Año X, nº 327. In: Vestibular UFRJ 1991, Prova de Espanhol.

FREI BETTO. *Alteridade*. Disponível em: <http://www.adital.com.br/site/noticia.asp?lang=PT&cod=7063> Acesso em 21/09/2007

GIACOSA, Guillermo. *A veces la caricatura somos nosotros*. Disponível em <http://www.peru21.com/Comunidad/Columnistas/Html/2006-02-10/Giacosa0453756.html>. Acesso em 10/4/2006.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

GOSLIN, Priscilla Ann. *Rau tchu bi a Carioca*. Rio de Janeiro: Netuno, 1993.

LANDRISCINA, Luís. *De Espana com humor*. Baixado com o Kazaa em 10 de abril de 2005.

PÉREZ OLIVA, Milagro. *Botsuana, un país que se muere de SIDA*. Disponível em:

<http://www.elpais.es/suplementos/domingo/20010617/03botsuana.html>. Acesso em 20/06/2001.

QUINO. Clarín. *Revista Viva*. Buenos Aires, 05 set. 1999, p. 6. **In:** Vestibular UFF 2000, Prova de Espanhol Objetiva. Disponível em: <http://www.coseac.uff.br/2007/index.htm>. Acesso em 05/10/2001.

SOLUTIONS ABROAD. ¿Necesitas ayuda para adaptarte a México? ¿A veces te sientes frustrado con respecto a México? ¿Las cosas te salen siempre diferentes a como las habías planeado? Disponível em www.solutionsabroad.com/espanol/a-choquecultural.asp. Acesso em 23/09/2007.

STOP INMIGRATION. Vídeo. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=drXSeKGBgcg>. Acesso em 05/02/2007.